

Desafios de Segurança na Guiana e a Resposta do Governo

R. EVAN ELLIS*, PHD

Em 23 de dezembro de 2018, um navio da marinha venezuelana e seu helicóptero embarcado tentaram interceptar o navio de pesquisa sísmica de bandeira bahamense Ramform Tethys, que estava conduzindo atividades de exploração de petróleo para a Exxon Mobil em águas guianenses. Essa ação forçou uma suspensão temporária em algumas das operações offshore da Exxon e destaca um dos muitos desafios à segurança nacional da Guiana.

Para aqueles que têm apenas um conhecimento superficial da nação frequentemente ignorada e esparsamente povoada situada na costa nordeste da América do Sul, a Guiana é uma terra de contradições. Possui diversidade cultural e uma riqueza de recursos naturais que coexistem com a pobreza e o isolamento, os quais provavelmente mudarão de formas imprevisíveis à medida que a primeira renda significativa do petróleo do país começar a chegar, em 2020. Como sugerido pelo incidente do Ramform Tethys, a exploração dos estimados 30 bilhões de barris de óleo extraídos no mar da Guiana não apenas trará novas riquezas expressivas, mas dará origem a novos fluxos de bens, pessoas e conexões financeiras para a nação. Isso ampliará e transformará os desafios de garantia de segurança que a nação enfrenta agora no contexto de um governo que está paralisado por uma crise política¹ e lutando para se preparar para esse desafio.

Este trabalho examina os atuais e emergentes desafios de segurança para a nação e o trabalho de seu governo para gerenciá-los, no contexto da transformação da Guiana através de sua potencial riqueza petrolífera e da importância estratégica que esses recursos implicam.

A Crise Política

Os desafios de segurança da Guiana são agravados por uma crise política interna que não só impede o governo de reagir, como também tem o potencial de

*As opiniões expressas aqui são estritamente do autor, que agradece ao vice-presidente da Guiana, Carl Greenidge, ao embaixador Riyad Insanally, ao embaixador Ronald Sanders, aos ex-presidentes Bharat Jagdeo e Donald Ramotar e ainda a Ralph Ramkarran, Anil Nandlall, Brigadeiro Mark Phillips, Hugh Todd, Dr. Ivelaw Griffith, Dr. Fitzgerald Yaw, Coronel Trevor Bowman, Capitão John Flores, John Chester-Iniss, Russell Combe, Brian Chinn, Raymond Hall, Wallace Ng-see-Quan, Jerry Guevarra, Mark Wilson, William Walker e David Lewis, entre outros, por suas contribuições para este artigo.

gerar grande inquietação interna e criar desafios oportunistas à soberania da Guiana pelas vizinhas Venezuela e Suriname.

Em 21 de dezembro de 2018, o Partido Progressista do Povo (PPP), principal oposição política da Guiana, aprovou com sucesso uma moção de desconfiança contra a coalizão governista formada pelo Partido de Aliança para a *Unidade Nacional* (APNU) e pela Aliança para a Mudança (AFC), possibilitada pela deserção surpresa do membro do AFC Charrandas Persaud.² Com uma receita substancial graças ao petróleo começando a fluir na Guiana em 2020,³ a votação e os eventos subsequentes polarizaram todos os lados do país, cujas políticas há muito foram divididas em linhas étnicas entre os descendentes de indianos (que desproporcionalmente favoreceram o PPP) e os afro-descendentes (favorecendo desproporcionalmente a APNU e seu principal partido, o Congresso Nacional do Povo - PNC). Na atual crise, os defensores da APNU-AFC veem a deserção de Persaud como um truque sujo, tentando explorar os problemas de curto prazo do governo (incluindo o fechamento de muitas instalações de produção de açúcar operadas pelo governo⁴) e assumir o controle do governo antes que as receitas do petróleo comecem a fluir. O PPP vê os esforços do governo para atrasar as eleições por meio de uma combinação de desafios legais e obstáculos gerados pelo que eles consideram como uma comissão eleitoral puramente partidária (GECOM) em uma tentativa de repelir o processo democrático da nação e a vontade da maioria, como alegam que o PNC fez repetidamente no passado.⁵

Seja qual for o resultado, um grande número de guianenses ficará altamente insatisfeito com o resultado e convencido de que seus interesses não podem mais ser protegidos por meio de mecanismos democráticos tradicionais, aumentando a perspectiva de violência. Além disso, à medida que o conflito se intensifica, a vizinha Venezuela pode tirar proveito da desordem interna para perseguir sua reivindicação territorial, como muitos guianenses acham que aquele país tentou fazer em dezembro de 2018 com a tentativa de interceptação do Ramform Tethys.⁶

Desafios de Segurança da Guiana

Os desafios de segurança da Guiana incluem ameaças externas à sua soberania e uma série de desafios não tradicionais.

Externamente, dois dos três vizinhos da Guiana continuam buscando reivindicações significativas sobre o território da nação (apenas o Brasil não). A Guiana é atraente por seus recursos naturais (o que inclui não apenas o petróleo mencionado anteriormente, mas também ouro, madeira e terras agrícolas produtivas e oferece um alvo conveniente para a agressão porque é pouco povoada e defendida fracamente.

Reivindicações Territoriais Venezuelanas

A Venezuela reivindica 2/3 do território da Guiana no rio Essequibo, no leste do país, uma reivindicação feita tanto pelo regime populista socialista de Nicholas Maduro quanto por sua oposição. Durante uma manifestação política perto de Cucuta, na Colômbia, o chefe daquela oposição, o presidente interino constitucionalmente legítimo Juan Guaido, mostrou um mapa da Venezuela com o território da Guiana anexado a ele. Além de Essequibo, a Venezuela também faz duas reivindicações sobre a Zona Econômica Exclusiva da Guiana, a fonte de sua recém-descoberta riqueza petrolífera: uma fronteira marítima baseada em uma projeção para o mar derivada da reivindicação territorial mencionada e uma projeção alternativa da atual fronteira de fato na foz do rio Orinoco, em Puerto Playa, mas usando uma linha que se projeta no Atlântico a partir desse ponto, que aponta em um ângulo de 70 graus. Embora a última não tenha base substancial na lei internacional, a Venezuela usou essa projeção incomum para reivindicar parte da Zona Econômica Exclusiva (ZEE) da Guiana e do Suriname.

Com base na combinação de tais alegações, em 1966 as forças venezuelanas tomaram o controle da ilha de Ankoko, no rio Cuyuni, no interior da Guiana, transformando-a em um posto avançado militar e que continuam a ocupar.⁷ Em 2000, a Venezuela impediu que uma empresa do Texas, a Beal Aerospace, construísse uma instalação no território em disputa.⁸ A Marinha venezuelana também interferiu nos navios da indústria petrolífera que conduziam na área trabalhos autorizados pelo governo guianense. Tais ações incluem um incidente em outubro de 2013, quando o navio da marinha venezuelana, Yekuana, interceptou um navio de exploração de petróleo de propriedade da petroleira Anadarko, escoltando-o até a Venezuela e prendendo sua tripulação, incluindo cinco norte-americanos,⁹ bem como o assédio anteriormente mencionado ao Ramform Tethys em dezembro de 2018. Além disso, em junho de 2015, a marinha venezuelana declarou uma “zona de defesa integral” abrangendo a área.¹⁰

Reivindicações Territoriais Surinamesas

Para leste da Guiana, seu vizinho Suriname reivindica uma área de terra remota, pouco povoada no interior do país, mas grande, apelidada de “The New River Triangle.” Em dezembro de 1967, logo após a independência da Guiana, a Força Policial do país, através da Operação Kingfisher, expulsou com sucesso os surinameses da região, que estavam lá como parte da reivindicação do seu governo, da área mencionada, devido ao seu potencial hidrelétrico.¹¹ Em agosto de 1969, a GDF (Força de Defesa da Guiana) conduziu com sucesso sua própria operação para remover “invasores” surinameses.¹² O governo guianense estabeleceu poste-

riormente uma pequena base na área para emboscar qualquer tentativa de usurpação do seu território pelo Suriname. No entanto, em outubro de 2015, o presidente do Suriname, Desi Bouterse, anunciou que o conflito sobre a região disputada estava mais uma vez na agenda de seu país.¹³

Além do New River Triangle o Suriname já disputava com a Guiana o controle do rio Corentyne. Em 2000, o Suriname interferiu no trabalho de uma plataforma de petróleo operada pela CGX, que estava licenciada pelo governo da Guiana. A disputa foi finalmente resolvida em 2007 através de um tribunal das Nações Unidas, baseado na Convenção do Direito do Mar (UNCLOS).¹⁴ A Guiana resolveu a disputa ao ceder todo o rio até o ponto de baixa-maré do lado guianense para o Suriname. Isso gerou novos problemas por causa das pessoas que habitam as ilhas no delta do rio Corentyne (muitas das quais estão envolvidas em narcotráfico e outras atividades criminosas), e o fracasso do Suriname em controlar adequadamente a área, resultando no assalto, assassinato e assédio a pescadores guianenses que operam na área.¹⁵ O pior incidente até hoje ocorreu em maio de 2018, quando dezesseis pescadores guianenses foram assassinados por supostos piratas surinameses,¹⁶ no que pode ter sido uma represália pelo assassinato anterior de um chefe de drogas do Suriname.

Desafios não estatais

No que diz respeito a questões de segurança não tradicionais, a Guiana é principalmente desafiada por questões decorrentes de atividades criminosas conduzidas no interior esparsamente habitado do país. Uma combinação de terreno difícil, falta de infraestrutura de transporte e capacidade limitada das forças policiais e de segurança dificultam o controle dessa parte do país. As principais ameaças atualmente incluem mineração ilegal, extração ilegal de madeira, narcotráfico e a entrada de refugiados venezuelanos no território nacional.

Atividade Criminal Relacionada à Mineração

Uma mineração de ouro informal e geralmente não licenciada ocorre no interior da Guiana, particularmente nas bacias de Cuyuni e Mazaruni, a oeste de Bartica. Tais atividades de mineração causam graves danos ambientais, envenenando o abastecimento de água dos indígenas e de outras comunidades que vivem nas áreas por causa dos produtos químicos tóxicos utilizados no processo. Essa mineração informal também atrai uma série de atividades ilícitas, como a prostituição. Além disso, o contexto relativamente sem lei de comunidades de mineração remotas e a combinação de ouro, dinheiro, álcool e outros fatores também contribuem

para altos níveis de violência e crime entre os participantes da economia de mineração da área.

O desespero e a falta de lei na Venezuela vizinha levaram grupos criminosos armados, vagamente referidos como sindicatos, a roubar ou extorquir aqueles envolvidos em tal mineração,¹⁷ incluindo a cobrança de pedágios ao longo dos rios que delimitam a fronteira Guiana-Venezuela, e extorquindo e roubando os da própria Guiana. Em novembro de 2018, um policial guianense foi baleado em um incidente atribuído aos sindicatos.¹⁸

Essas atividades criminosas incluem múltiplos grupos de venezuelanos e brasileiros, entre outros, relativamente bem armados. Alguns relatos sugerem que o grupo terrorista colombiano Ejército de Liberación Nacional (ELN) pode até ter uma presença na área, inclusive dentro da Guiana.¹⁹

Lavagem de dinheiro

A extração de ouro cria oportunidades para lavagem de dinheiro por uma série de atores criminosos. Uma técnica é usar o dinheiro obtido ilicitamente para comprar ouro, muitas vezes em Bartica (a cidade de passagem para a região de ouro da Guiana) e revendê-lo ao governo oficial da Guiana, ou a uma das nove empresas privadas licenciadas oficialmente para a compra,²⁰ produzindo um certificado de que a receita veio da mineração.²¹

Além do setor de mineração, o único cassino da Guiana, o Princess, em Georgetown, também é conhecido por desempenhar um papel na lavagem de dinheiro, com grandes quantias fluindo através da empresa. De fato, o ex-comissário assistente da polícia, David Ramnarine, fez uma declaração suspeita de milhares de dólares de ganhos semanais do Princess, gerando especulações de que seu dinheiro estava realmente vindo de fontes ilícitas.²² Por outro lado, os outros dois cassinos de Georgetown fecharam e o Princess (tecnicamente) é o único aberto a estrangeiros e a um seletivo grupo de guianenses. Além disso, o único cassino operacional em Georgetown parece ser o favorito quando comparado aos da cidade vizinha de Paramaribo, a capital do Suriname, onde há 28.

Extração De Madeira Ilegal

O controle das operações madeireiras no interior da Guiana é inadequado, e empresas como a Bai Shan Lin foram acusadas de exportar grandes quantidades de madeira do país sem a devida licença.²³ A Bai Shan Lin pode ter ocultado suas exportações transportando lenha em contêineres fechados e usando pequenas empresas madeireiras licenciadas que operam na área para declarar as exportações.²⁴

Produção de Narcóticos e Narcotráfico

A Guiana é tanto um exportador de maconha para o Brasil quanto um país de trânsito para a cocaína. Winston Jordan, ministro das Finanças do Presidente Granger, afirmou, com fortes objeções da oposição PPP, que uma quantia substancial da economia do país depende do produto do narcotráfico.²⁵

A Guiana produz quantidades modestas de maconha em terrenos ao longo da costa e em partes mais áridas do interior, como perto de Kurupukari, Annai e Mahdia. Embora a maconha guianense seja considerada de baixa qualidade comparada à maconha competitiva cultivada no Paraguai e na Colômbia, a maconha guianense é exportada para o remoto estado vizinho de Roraima no Brasil, onde sua baixa qualidade não é um grande problema. Essa maconha também é tradicionalmente contrabandeada através da fronteira em Lethem, contribuindo para a dinâmica criminoso daquela cidade.²⁶

Quantidades modestas de cocaína também são contrabandeadas pela Guiana. A maioria está destinada à Europa através do Suriname, embora parte também seja contrabandeada para os Estados Unidos. Em geral, os carregamentos de cocaína são escondidos em carregamentos de arroz,²⁷ areia e outras cargas a granel em barcas que transitam pelos rios da Guiana e partem de sua costa.

Por razões da geografia, acredita-se que a maior parte da cocaína que transita na Guiana tenha origem na Colômbia, passando primeiro pela Venezuela até a Guiana, depois pelo Suriname até a Europa (geralmente pela Holanda). Em 2018, dois membros do grupo criminoso brasileiro Primeiro Comando da Capital (PCC) foram capturados em Georgetown, indicando a criação de uma pequena célula do PCC com a intenção de controlar a rota da cocaína através da Guiana para a Europa.²⁸ Em outro evento, em outubro de 2014, uma embarcação semissubmersível foi encontrada abandonada no rio Waini, perto da Venezuela.²⁹ Acredita-se que essa embarcação seria usada no contrabando de cocaína para a África ou a Europa, ou, alternativamente, em direção a Trinidad e, em última análise, para os Estados Unidos.

No geral, a quantidade de drogas que passou pela Guiana até o momento tem sido limitada por causa das poucas rotas comerciais da Guiana, que forneceriam cobertura para o contrabando, bem como do limitado mercado interno. No entanto, com as receitas do petróleo começando a fluir na Guiana em 2020 e a expansão da economia, os fluxos de pessoas e bens e as conexões financeiras aumentarão o potencial da Guiana como um centro de narcotráfico.

Tráfico Humano, Contrabando e Migração

Como observado anteriormente, cerca de 2.800 venezuelanos entraram na Guiana nos últimos anos, quando a economia da nação entrou em colapso.³⁰ Além disso,

outros 20.000 ou mais guianenses que já viveram e trabalharam na Venezuela foram forçados a retornar.³¹

Embora o número de migrantes que chegam da Venezuela na Guiana tenha sido modesto em comparação com mais de 1,2 milhão de venezuelanos que fugiram para a Colômbia,³² os que chegaram à Guiana causaram um estresse na saúde, educação e outras infraestruturas das pequenas cidades da região de Essequibo esparsamente habitada, bem como de Georgetown. Aumentando o problema, aqueles que chegam a Georgetown têm sido desproporcionalmente do sexo feminino, transformando a dinâmica da prostituição ali, anteriormente dominada pelos brasileiros.³³

Um número significativo de cubanos também está entrando na Guiana, viajando para Georgetown, para comprar produtos indisponíveis em Cuba e para solicitar vistos para os Estados Unidos (depois que os EUA foram forçados a fechar seu escritório consular em Havana). Muitos deles, assim como os venezuelanos, são levados para o Brasil por Lethem, indo em direção ao cone sul ou aos Estados Unidos para terem suas mulheres exploradas como prostitutas. Em 2018, cerca de 25.000 cubanos entraram na Guiana, dos quais 10.000 foram para o Brasil, a maioria cruzando em Lethem.³⁴

Os haitianos também são contrabandeados ou traficados através da Guiana. A maioria que entra no país está em trânsito para a Guiana Francesa com um popular voo da Copa trazendo haitianos de Porto Príncipe para a Cidade do Panamá e da Cidade do Panamá para Georgetown, de onde eles viajam para a Guiana Francesa por terra. Alguns haitianos também permanecem na Guiana para obter a cidadania e trabalhar lá com os que organizam a transação para obter a cidadania guianense, cobrando US\$1.000 por pessoa, através de casamentos arranjados com guianenses.³⁵

Finalmente, uma quantidade desconhecida, mas significativa de migrantes chineses, entra na Guiana facilitada por projetos de infraestrutura e outros trabalhos feitos na Guiana por empresas chinesas. Acredita-se que esses imigrantes sejam canalizados por meio de uma rede de restaurantes e lojas de propriedade chinesa em que seu trabalho é explorado (às vezes por anos) como parte de uma jornada de longo prazo para os Estados Unidos.³⁶

Talvez o elemento mais positivo do ambiente de segurança da Guiana seja que a violência criminal tem sido limitada, especialmente em áreas urbanas. A taxa de homicídio do país, aproximadamente 19,4/100.000,³⁷ é baixa em comparação com os estados vizinhos, como Trinidad e Tobago, Colômbia, Jamaica e, especialmente, a Venezuela.

Com pequenas exceções, a capital Georgetown é relativamente livre de gangues de rua criminosas e suas atividades relacionadas.³⁸ As gangues mais notórias, asso-

ciadas aos dois principais grupos étnicos do país, geralmente fazem parte do passado. Estes incluem o Fine Man Gang,³⁹ cujas raízes estavam no reduto afroguainense de Buxton (segundo acreditam alguns, ligados ao partido PNC de maioria afroguainense), bem como um grupo de narcotraficantes ligado a Roger Kahn, com uma identificação grande entre os indoguianenses. Enquanto este artigo estava em vias de publicação, o retorno esperado de Kahn para a Guiana em julho de 2019, depois de cumprir uma sentença de dez anos nos Estados Unidos,⁴⁰ gerou especulações em Georgetown de que ele poderia tentar recriar seu empreendimento criminal anterior ou, alternativamente, ser levado a julgamento na Guiana por outros crimes ou morto antes que tal julgamento público pudesse ocorrer.

Uma ameaça que tem estado relativamente ausente do ambiente de segurança da Guiana é o islamismo radical.⁴¹ Embora a Guiana tenha uma comunidade islâmica de tamanho modesto (entre 3% e 6% da população),⁴² tem havido relativamente poucos casos de guianenses viajando para o Oriente Médio para lutar pelo grupo terrorista Estado Islâmico, como aconteceu com pelo menos 175 muçulmanos de Trinidad e Tobago.⁴³ Uma diferença pode ser a relativa ausência de gangues de rua criminosas na Guiana, que em Trinidad e Tobago era a principal fonte de recrutamento de mesquitas radicais.

Embora se acredite que o ditador líbio Muammar Gaddafi tenha nutrido algum radicalismo islâmico na Guiana nos anos 70, não tem havido fortes evidências de atividades semelhantes por parte do Irã ou de outros estados islâmicos nos últimos anos.⁴⁴

O caso mais conhecido é, sem dúvida, Abdul Kadir, ex-prefeito de Linden, Guiana, que foi preso em 2007 por envolvimento em um complô para bombardear o Aeroporto JFK em Nova York. Muitos entrevistados para este trabalho avaliaram que o envolvimento de Kadir foi um incidente isolado, e que mesmo ele pode não ter tido um papel significativo na trama.

Atividades do setor comercial e de segurança na China

Finalmente, a crescente presença da República Popular da China em projetos comerciais e atividades do setor de segurança na Guiana e o associado crescimento de sua influência política no país criam preocupações estratégicas para os Estados Unidos.⁴⁵

Antes de 2015, durante as administrações do PPP de Bharat Jagdeo e Donald Ramotar, a presença comercial da República Popular da China se expandiu significativamente através de uma série de grandes infraestruturas e outros projetos de investimento que levantaram questões sobre o nível de influência chinesa no país.⁴⁶ Os principais exemplos incluíram o projeto hidrelétrico Amaila Falls de US\$800 milhões (posteriormente abandonado), a renovação do Aeroporto Inter-

nacional Cheddi Jagan, a aquisição da mina de bauxita de Omai pela empresa chinesa Bosai, a construção da fábrica de açúcar Skeldon e a construção de infraestrutura de transmissão de eletricidade pela empresa chinesa CEIEC. Outros exemplos incluem cabos de telecomunicações e outros projetos da empresa chinesa Huawei, um programa educacional que fornece laptops chineses construídos pela Haier para famílias pobres da Guiana, concessões madeireiras concedidas à empresa chinesa Bai Shan Lin,⁴⁷ e a construção de um novo Hotel Marriott pelo Grupo Shanghai Construction. No setor de segurança, sob os governos do PPP, a Força de Defesa da Guiana recebeu um avião de transporte chinês Y-12,⁴⁸ e seus oficiais participaram regularmente de cursos de educação e treinamento militar profissional na China.⁴⁹

Sob o governo APNU-AFC de David Granger, as concessões à Bai Shan Lin foram em grande parte rescindidas.⁵⁰ Vários dos outros projetos chineses também se depararam com dificuldades, resultando no abandono do cabo de fibra ótica de Georgetown para Lethem (devido a múltiplos intervalos e outras dificuldades técnicas),⁵¹ o fechamento da fábrica de açúcar Skeldon, problemas resultando na redução da modernização do aeroporto,⁵² e o final do programa *One Laptop per Child* com o consequente desaparecimento da Haier como uma marca de computadores no país.

No entanto, diante de um ambiente de negócios mais desafiador, os chineses continuam avançando, incluindo a participação da CNOOC (China National Offshore Oil Company) na coalizão liderada pela Exxon para a exploração de petróleo offshore na Guiana, a conclusão bem sucedida do Marriott como o principal hotel de luxo da Guiana, recebendo executivos da indústria petrolífera e pessoal técnico no país e ainda a decisão do proprietário do Pegasus Hotel, Robert Badal, de contratar a construtora China Harbor para um grande projeto de expansão de seu próprio hotel,⁵³ a contratação de chineses para vários projetos de construção de estradas, bem como projetos imobiliários comerciais em toda a Georgetown financiados por dinheiro chinês. Sob a administração Granger, os chineses também abriram oficialmente um instituto Confúcio na Universidade da Guiana⁵⁴ e obtiveram considerável boa vontade no setor de segurança doando mais de US\$ 2,600 milhões em veículos e equipamentos para a Força Policial da Guiana (GPF),⁵⁵ equipamentos de construção para a GDF⁵⁶ e continuamente levando membros do governo guianense e pessoal de segurança à China para treinamento e visitas de cortesia.

O PPP, que provavelmente retornará ao poder nas eleições de 2019,⁵⁷ já cogita uma nova geração de infraestrutura e outros projetos a serem construídos pelos chineses e financiados pelas receitas do petróleo, incluindo a ressurreição do projeto hidrelétrico de Amaila Falls e uma interconexão com a rede elétrica brasileira

(que provavelmente será construída por uma grande empresa chinesa ativa no Brasil, como a China State Grid, ou a State Power Industrial Corporation), a construção de um porto de águas profundas perto de Berbice e uma ligação rodoviária e ferroviária com o Brasil.⁵⁸ Também é possível antecipar a participação de petrolíferas chinesas em futuros licenciamentos para exploração e desenvolvimento de petróleo, bem como a entrada de empresas petrolíferas chinesas no setor de apoio e, possivelmente, a expansão da mina de magnésio de Bosai, no noroeste do país.⁵⁹ Enquanto a PPP também manifestou interesse em trabalhar em estreita colaboração com os investidores americanos e ocidentais,⁶⁰ tais projetos provavelmente darão à China um maior peso na dinâmica econômica e política do país em um futuro governo PPP (bem como, em menor escala, em um governo APNU).

Resposta do Governo da Guiana e suas Forças de Segurança

Sob a administração de David Granger, o governo deu passos tangíveis, embora limitados, para responder aos desafios de segurança enfrentados pela nação. Essa resposta, contudo, tem sido de uma maneira geral dificultada por uma combinação de falta de recursos disponíveis para o setor de segurança e uma cultura profundamente enraizada em corrupções sociais.

Processos de Planejamento em Nível Nacional

Com relação à formulação de políticas e estratégias de segurança pelo governo da Guiana, o Conselho de Segurança Nacional (National Security Council - NSC) é atualmente o órgão mais focado em questões de segurança interna e externa que afetam a nação. O NSC reúne-se uma vez por semana, chefiado pelo Presidente, incluindo (quando disponível) o Primeiro Ministro, o Ministro de Estado, o Ministro da Segurança, o diretor da Administração Nacional de Inteligência e Segurança (NISA), o Diretor da Polícia e o chefe das Forças Armadas, entre outros. Questões menores e menos operacionais da política de defesa são tratadas pelo Conselho de Defesa que se reúne, em teoria, uma vez por mês com um grupo um pouco mais restrito e às vezes produzem diretivas políticas. No entanto, enquanto as reuniões do NSC e do Conselho de Defesa até certo ponto promovem um processo de coordenação e planejamento, o sistema guianense contrasta com seus pares nos EUA e Europa devido à relativa ausência de um processo formal e documentos de apoio orientando membros do governo na política para a aquisição de capacidades e linhas de ação específicas. Embora a constituição da Guiana especifique o papel da Força de Defesa e de outras instituições de segurança e exista um documento nominal para a Estratégia Nacional de Defesa, não há documento de política de segurança nacional nem um processo para analisar os desafios da

nação, determinar requisitos, avaliar lacunas e planejar soluções coordenadas para solucioná-las.

Força de Defesa da Guiana

Em contraste com algumas nações ocidentais, a Força de Defesa da Guiana (GDF) é responsável não apenas pela segurança, mas também pela estabilidade da nação. Tem autoridade implícita para apoiar a polícia contra ameaças internas, embora apenas o componente naval da GDF, a Guarda Costeira da Guiana, tenha autoridade para realizar prisões em circunstâncias normais. A GDF é composta por um componente terrestre, um pequeno corpo aéreo e uma Guarda Costeira.

Componente terrestre GDF

O componente terrestre da GDF é uma força de infantaria leve de aproximadamente 2.000 militares da ativa, incluindo um batalhão de infantaria, um esquadrão de forças especiais, uma companhia de artilharia, um batalhão de engenharia e um batalhão de apoio a serviços.⁶¹ É complementado por um componente de reserva recentemente reorganizada e renomeada Milícia do Povo da Guiana.

O componente terrestre possui antigos veículos blindados Urutu e Cascavel com níveis de disponibilidade operacional às vezes baixos. Como força é muito limitada em sua capacidade de combate. A maioria dos analistas de defesa consultados para este trabalho acredita que se a Venezuela pressionasse ativamente suas reivindicações territoriais mencionadas anteriormente, a GDF seria rapidamente superada. Alguns especulam que a GDF provavelmente seria superada pelas capacidades militares do vizinho Suriname também. Assim, o governo da Guiana, incluindo seu atual presidente General Brigadeiro da reserva David Granger, enfatiza abertamente que o centro de sua estratégia para proteger a nação contra um agressor externo é a diplomacia e não a força militar.⁶²

O batalhão de engenharia da GDF recebeu atenção especial sob o governo Granger, com o presidente vendo a GDF participando em atividades como a construção de estradas e desempenhando um papel no desenvolvimento nacional.

A GDF recebe cerca de US\$1 milhão em doações de equipamentos por ano da RPC, que podem ser acumuladas, e chegam a uma média de vários milhões de dólares a cada dois anos. Em 2015, o governo Granger e a liderança da GDF, em coordenação com seus contrapartes chineses, decidiram usar quatro anos de créditos acumulados de doação na forma de equipamentos de construção, que foram entregues à Guiana em abril de 2017.⁶³ Embora vários engenheiros da GDF e outros tenham recebido treinamento na operação e manutenção do equipamento na China e o mesmo esteja operacional e permaneça sob o controle da GDF, ele ainda não foi

empregado para apoiar qualquer projeto significativo de obras públicas, com exceção do exercício de assistência humanitária e cívica “New Horizons”.⁶⁴

A força terrestre ativa da GDF é complementada por uma força da reserva. Essa força, anteriormente chamada de Batalhão de Reserva, foi reorganizada em 2015 após a eleição do governo da APNU-AFC. Agora é chamada de Milícia dos Povos da Guiana (GPM), ressuscitando um conceito de uma época anterior na história da Guiana de uma organização de defesa local baseada na comunidade. O plano para a GPM era criar uma força de 1.500 pessoas durante um período de três anos, recrutando e baseando a força em cada uma das dez regiões do país (embora ainda respondendo ao comando de nível nacional centralizado em uma estrutura de três batalhões). Até o final de 2015, o antigo batalhão de reserva foi transferido para o controle da GPM, e a nova organização começou a estabelecer suas próprias unidades nas regiões, embora o processo permaneça incompleto. Equipar e construir a infra-estrutura básica em cada região continua sendo um trabalho em andamento.

O conceito da GPM é servir como uma organização de base mais ligada às comunidades do interior pouco povoado da Guiana, alavancando o conhecimento local e fortalecendo os laços para a solução de problemas relacionados a essa área, como estar vigilante e defender incursões de estrangeiros como os imigrantes e bandos criminosos que entram no interior do país vindos da Venezuela.

A GPM também é responsável pelo Corpo Nacional de Cadetes, um programa semelhante aos escoteiros nos EUA. O programa está focado em inculcar disciplina e valores positivos, bem como criar interesse em carreiras na GPM e na GDF.⁶⁵

Corpo Aéreo GDF

A porção de aviação da GDF, o Corpo Aéreo, quase não tem capacidade operacional. Seus mais novos bens são dois aviões BN-2 Islander adquiridos em 2018 do Brasil, mas sem a integração significativa de sensores que ampliem sua capacidade como plataformas de Inteligência, Vigilância e Reconhecimento (ISR). Os BN-2 são considerados uma aquisição prática, devido à sua capacidade de operar em pistas de pouso muitas vezes curtas e de terreno mole em todo o interior do país. Eles foram supostamente adquiridos do Brasil porque a aeronave é familiar para técnicos de manutenção na Guiana, já que é usada em funções civis e também militares.⁶⁶ Apesar de se esperar que a GDF eventualmente venha a equipar as aeronaves com sensores e outros equipamentos para torná-los mais eficazes em uma função ISR, não há planos específicos ou recursos programados para adquirir tais capacidades.

Além dos BN-2, o Corpo Aéreo da GDF também tem uma outra aeronave leve de asa fixa, a Cessna Skyvan.⁶⁷ Como os BN-2, ele é geralmente usado para trans-

porte e observação. Até recentemente, a GDF também tinha uma aeronave de transporte militar Harbin Y-12 de fabricação chinesa, de geração mais antiga, que havia sido doada. Infelizmente para a GDF a aeronave apresentava problemas mecânicos regulares e era difícil de manter. O Y-12 foi posteriormente descartado e a GDF recusou uma oferta chinesa de vender um novo modelo.⁶⁸

Além de suas três aeronaves de asa fixa funcionais, o Corpo Aéreo também possui um helicóptero operacional, o Bell 206, que é usado principalmente para transportar pessoal sênior da GDF e do governo. Também possuía um Bell 412 que não estava em serviço no momento em que este artigo foi publicado.

Para suplementar a falta de recursos da aviação, a GDF periodicamente freta aeronaves civis e as sobrevoa na zona econômica exclusiva marítima do país e em outras áreas, com oficiais da GDF equipados com binóculos, a fim de fornecer uma capacidade mínima de detecção.

Guarda Costeira GDF

A Guarda Costeira da Guiana, assim como a sua Força Aérea, quase não tem capacidade real de proteger as áreas marítimas ou as hidrovias no interior da nação. O *Essequibo*, o único verdadeiro navio militar capaz de patrulhar as águas costeiras da Guiana, era um caça-minas britânico reaproveitado, cujo equipamento não é eficiente e não tem velocidade para operar. Seu casco de metal pesado oferece alguma proteção na eventualidade de combate contra piratas ou outros ataques similares, mas é altamente ineficiente em combustível e sofre frequentes avarias. Ele já foi reparado tantas vezes a ponto de colocar em dúvida sua navegabilidade e como resultado é apenas usado periodicamente.

Além do *Essequibo*, a Guarda Costeira tem sete barcos de patrulha leves *Metal Shark* adquiridos dos EUA. As equipes e mantenedores estão sendo treinados com o apoio dos EUA e poderão ser usados nos rios do país. Além destes, a Guarda Costeira não possui barcos grandes e com resistência suficiente para entrar no Atlântico por longos períodos para realizar patrulhas de pesca, ou para responder a ataques ou emergências envolvendo as plataformas de petróleo que estarão cada vez mais ativas longe da costa na ZEE da Guiana.

Embora a Guiana seja conhecida como a “terra de muitos rios” pelo número de vias navegáveis que correm pelo interior, a Guarda Costeira não tem quase nenhuma embarcação ribeirinha para patrulhá-los, exceto os já mencionados *Metal Sharks*. Nos últimos anos, foram adquiridas duas “bases móveis”, que são essencialmente balsas com espaços habitáveis, comando e controle, combustível e suprimentos para operar barcos menores. Uma delas foi entregue à Guarda Costeira e colocada no rio *Waini*, perto da fronteira venezuelana, enquanto outra foi entregue

à polícia. No entanto, nenhuma delas consegue manter um número suficiente de barcos disponíveis para ser eficaz.

Em contraste com algumas outras organizações de defesa no hemisfério, como as da República Dominicana e da Guatemala, a GDF não possui uma frota de barcos ou outros bens confiscados de narcotraficantes e reaproveitados para controlar a costa e os cursos d'água da nação. Esta deficiência reflete tanto o sistema legal da Guiana que, apesar da criação da Unidade de Recuperação de Ativos do Estado (SARA) em 2017,⁶⁹ não possui um procedimento legal ágil para confiscar bens. Reflete também a ausência de narcotraficantes usando os rios e águas costeiras da Guiana.⁷⁰

Como observado anteriormente, a GDF além de trabalhar tanto com os EUA quanto com os britânicos, ela também tem uma relação relevante e contínua com a República Popular da China. A GDF recebe aproximadamente US\$1 milhão por ano em doações de equipamentos militares ou créditos acumulados e envia regularmente pessoal para programas de educação militar profissional e cursos de treinamento na China. Embora a maioria desses compromissos envolva cursos de curta duração de apenas algumas semanas e breves visitas institucionais, os oficiais da GDF também participam do programa de academia militar do Exército Popular de Libertação (PLA), bem como cursos de Comando e Estado-Maior durante todo o ano perto de Nanjing e um prolongado curso de treinamento de piloto.⁷¹

Força policial da Guiana

Para a segurança interna, a Força Policial da Guiana (GPF) é a frente de defesa do país contra o crime e a insegurança, com a GDF em um papel de apoio quando necessário. Graças em parte à pequena população da Guiana e à herança britânica, que não enfatiza uma forte distinção entre a polícia e os militares como os EUA, a coordenação da GDF-GPF é relativamente boa. No entanto, existem problemas. O Controle da Força Policial, por exemplo, não tem a capacidade de se comunicar diretamente com a GDF e não há um Centro de Operações Conjuntas.⁷²

A GPF se acha prejudicada por muita corrupção interna e por ser subfinanciada. O salário médio de um membro da Força de Polícia da Guiana é de US\$ 300 por mês, aproximadamente a metade do próximo departamento de polícia mais mal pago do Caribe. Como consequência, a GPF não atrai os membros mais capazes da sociedade para fazer parte de sua organização, e o pessoal da polícia é logo tentado a se envolver em subornos apenas para sobreviver. Os membros da GPF também são frequentemente mal equipados, às vezes retardando suas respostas a crimes graves por causa da indisponibilidade de carros da polícia e por suas instalações estarem literalmente caindo em ruína.

Com a ajuda de fundos da União Europeia (UE), o treinamento policial, os equipamentos e a infraestrutura estão sendo melhorados. Como destaque de tais esforços podemos mencionar o Programa de Fortalecimento da Segurança do Cidadão (Citizen Security Strengthening Program - CSSP) que ajuda a melhorar a profissionalização da GPF e aumenta seu foco no policiamento voltado para a comunidade. Por meio do CSSP, aproximadamente 20% das delegacias de polícia da Guiana foram reformadas, embora as condições das que permanecem ainda sem reforma, em alguns casos, sejam aterradoras.⁷³

Além da assistência da UE, o governo Granger também aumentou modestamente os salários básicos da polícia, e a GPF tem procurado combater a corrupção e melhorar a organização através do conselho de uma “equipe de gestão estratégica” composta por ex-policiais seniores e com doações de computadores e equipamentos dos Estados Unidos. Muito trabalho ainda precisa ser feito.

Talvez um dos elementos de maior destaque da GPF e um dos mais politicamente controversos seja sua Unidade Especial de Crime Organizado (Special Organized Crime Unit - SOCU). A SOCU foi originalmente formada para realizar investigações de pessoas tidas como suspeitas através da análise financeira da Unidade de Inteligência Financeira (UIF). No entanto a SOCU tem sido criticada, particularmente pelo PPP, por concentrar suas investigações quase inteiramente em altos funcionários afiliados ao PPP do governo anterior e seus parceiros de negócios sem, até o momento, produzir quaisquer condenações. Um dos incidentes mais públicos foi a prisão, em março de 2017, dos líderes do PPP Bharat Jagdeo, Roger Luncheon e Robert Persaud em um fórum público com a imprensa presente.⁷⁴

Os mais simpáticos à SOCU diriam que o foco foi impulsionado pelo envolvimento dos membros desse governo em corrupção e que a razão para a falta de condenação tem sido a incapacidade ou falta de vontade da Diretora do Ministério Público, Sra. Shalimar Ali-Hack, nomeada pelo governo anterior do PPP, de levar os casos adiante.⁷⁵

Assim como na GDF, a GPF tem interações com os chineses. As mais proeminentes em novembro de 2017, quando a RPC doou US\$2,6 milhões em veículos e outros equipamentos, incluindo 56 caminhonetes, 44 motocicletas, 35 veículos *all-terrain* (todo-o-terreno) e 5 ônibus, ajudando a GPF a compensar sua grave escassez de veículos.⁷⁶ Vários destes carros foram perdidos devido a acidentes desde a sua chegada,⁷⁷ incluindo um veículo acidentado apenas um dia depois de ter sido doado.⁷⁸

Unidade de Inteligência Financeira

Conforme observado anteriormente, o trabalho da SOCU é, em princípio, apoiado pela Unidade de Inteligência Financeira da Guiana, cuja responsabilidade é mo-

nitorar as transações financeiras e identificar quais seriam suspeitas para serem investigadas pela SOCU.

A UIF contemporânea da Guiana tem suas origens nas leis de Prevenção à Lavagem de Dinheiro e Combate ao Financiamento do Terrorismo (Anti-Money Laundering / Combatting Financing of Terrorism - AML / CFT) de 2009, implementadas pelo então Procurador Geral Anil Nandlall durante a administração do PPP de Donald Ramotar, seguindo recomendações e pressões da Força-Tarefa de Ação Financeira do Caribe (Caribbean Financial Action Task Force - CFATF). Apesar dos passos iniciais de Nandlall, o CFATF pressionou a administração de Ramotar para agir mais. No entanto, o APNU-AFC, adversário, com uma maioria no parlamento, recusou-se a aprovar leis propostas pelo governo de Ramotar para abordar as preocupações da CFATF, alegando que elas eram falhas e preenchidas com lacunas que favoreciam as pessoas afiliadas ao PPP.

Como resultado do impasse, o CFATF e sua organização matriz, a Força-Tarefa de Ação Financeira, classificaram negativamente a Guiana e sua UIF.

Quando a coalizão APNU-AFC assumiu o poder em 2015 com uma maioria no parlamento, aprovou rapidamente uma série de leis que tratam de questões levantadas pelo CFATF e pela UE, levando a uma melhor classificação do primeiro e sua remoção da lista negra da UE.⁷⁹ No entanto, os líderes do PPP e juristas acreditam que muitas das novas leis que foram aprovadas às pressas podem estar violando os processos legais adequados e serem inconstitucionais.

Operacionalmente, enquanto o trabalho da UIF sob o atual governo é bem visto, alguns reclamam que seu trabalho às vezes se sobrepõe à SOCU, e que ela se concentra mais em políticos que supostamente recebem pagamentos ou se beneficiam de atividades ilícitas do que nos líderes criminosos que realmente as conduzem.⁸⁰

Unidade Alfandegária e Antinarcóticos

A unidade independente aduaneira antinarcóticos da Guiana (CANU) é mais ou menos equivalente a DEA dos EUA. Embora não se acredite que uma quantidade relevante de drogas passe pela Guiana atualmente, a organização desempenhou um papel de liderança nas principais interceptações que ocorreram, incluindo a descoberta, em maio de 2017, de US\$550 milhões em cocaína em um carregamento de madeira destinado aos Estados Unidos.⁸¹

A CANU trabalha com a DEA e geralmente tem uma relação positiva com ela, que foi convidada a voltar ao país no final do governo de Ramotar em 2015. Desde o retorno formal da DEA ao país em fevereiro de 2016,⁸² as duas organizações construíram uma relação de confiança através da verificação do pessoal empregado.⁸³

Existem algumas preocupações de corrupção dentro da CANU,⁸⁴ incluindo o mau uso de uma carga de drogas interceptada em 2017 envolvendo pessoal de alto escalão, levando o governo a suspender o chefe da CANU, James Singh, e nomear uma comissão de inquérito.⁸⁵ A capacidade de combater a corrupção dentro da organização é facilitada pelo fato de que a maioria do pessoal é contratada por um ano, facilitando a eliminação daqueles que não conseguem passar nos polígrafos ou cuja honestidade é questionada de outra forma, simplesmente não renovando seus contratos. Por outro lado, de acordo com um especialista em segurança da Guiana, a metade dos oficiais da CANU que foram testados com polígrafo falhou no teste, e muitos destes ainda estão na organização.⁸⁶

O trabalho da CANU é complementado pela unidade antidrogas da polícia da GPF, que se concentra mais no combate ao cultivo, venda e distribuição de drogas em nível local. O governo Granger, reconhecendo a sobreposição existente entre as missões dessas agências, propôs fundir as duas organizações em uma única Agência Nacional Antinarcóticos (NANA).⁸⁷

Centro de Inteligência Conjunta / Administração Nacional de Inteligência e Segurança

Além da GDF e da GPF, o governo da Guiana está trabalhando para construir uma organização civil de inteligência, a Agência Nacional de Inteligência e Segurança (NISA).⁸⁸ Construída a partir do Centro de Inteligência Conjunta (JIC) - uma organização originalmente projetada para coordenar inteligência de fontes policiais, militares e outras para tomadores de decisão em nível nacional e conduzir vigilância eletrônica - a NISA é ideia do atual chefe do JIC, Bruce Lovell, que busca fazer dela uma organização que tenha tanto capacidade analítica como de coleta, com uma presença em cada uma das regiões da Guiana e, em teoria, eventualmente alguma capacidade de coletar informações sobre alvos estrangeiros.⁸⁹

Outras Organizações

Finalmente, há uma série de outras organizações que desempenham papéis no combate à atividade criminosa e outros desafios de segurança na Guiana.

A Autoridade Tributária da Guiana (GRA) tem a responsabilidade de inspecionar o carregamento de açúcar, areia, minerais, madeira e outros materiais a granel em barcas para exportação, garantindo que substâncias ilícitas como cocaína não sejam escondidas nas cargas. A GRA, no entanto, não tem pessoal suficiente para inspecionar mais do que uma fração minúscula do carregamento a ser exportado.

Uma das organizações com mais desafios dentro do sistema de aplicação da lei guianense é o Sistema Prisional da Guiana, parte do Ministério da Segurança Pública. Como em muitas partes da América Latina, o sistema carcerário sofre de grave superlotação e negligência. Em julho de 2017, a principal prisão da Guiana na Camp Street, no centro de Georgetown, foi quase toda destruída por um incêndio.⁹⁰ Embora a instalação tenha sido parcialmente reformada, ela ficou com leitos para apenas 300 presos, uma fração de sua capacidade anterior, e não é mais adequada para prisioneiros de segurança máxima. Com o incêndio na prisão de Camp Street, a prisão de Lusignan é hoje a maior da Guiana, com capacidade para 1.200 detentos. É aqui que os prisioneiros da gangue do Primeiro Comando da Capital (PCC) do Brasil estão sendo mantidos. A terceira prisão, Mazaruni, é relativamente isolada e apresenta melhores condições. Quando este trabalho foi para a imprensa, Mazaruni estava em processo de renovação e expansão, incluindo a construção de uma nova ala projetada para comportar 400 prisioneiros.⁹¹

Recomendações

As ações apropriadas para os Estados Unidos no que diz respeito aos desafios de segurança da Guiana são complicadas pela atual crise política da nação. Sob o governo APNU-AFC de David Granger, a nação estava fazendo um progresso significativo, embora lento, no combate à corrupção e na reforma de suas instituições.⁹² Os governos do PPP que o precederam, embora mostrassem uma administração relativamente competente e uma orientação pró-negócios, sofreram acusações de corrupção e a cooperação com regimes populistas esquerdistas, como a Venezuela, bem como a RPC, causaram desconforto em Washington.⁹³ O primeiro imperativo estratégico para os Estados Unidos com a Guiana é evitar tomar posição na atual crise política, seja afirmativamente ou por omissão, inconsistente com a Constituição da Guiana e os ditames de seu processo político. Os EUA devem estar preparados para trabalhar ativamente em direção à segurança com quem prevalecer, desde que sejam coerentes com os processos democráticos e com a constituição da própria Guiana. Ao mesmo tempo, dadas as preocupações relativas à corrupção em administrações anteriores do PPP, os EUA devem abraçar um futuro governo PPP e trabalhar com ele de boa fé, mas deve fazê-lo com os olhos abertos, cobrando do PPP um compromisso de transparência, democracia e compromisso com o livre mercado e o estado de direito.

À medida que a receita petrolífera da Guiana começa a fluir, o foco do envolvimento dos EUA na segurança e outros setores deve ter como objetivo fortalecer a capacidade nacional de boa governança, incluindo processos tecnicamente competentes e racionais para planejamento, aquisição e avaliação de programas, para ajudar o país a tomar vantagem de suas interações petrolíferas e comerciais com a

República Popular da China, e outras oportunidades para promover o desenvolvimento nacional.

Assistência dos EUA ao planejamento de segurança

Com a concordância do governo guianense, os EUA devem ajudar seus pares guianenses a desenvolver um processo para elaborar políticas e estratégias de defesa, identificando e desenvolvendo as capacidades necessárias. Se o governo da Guiana não estiver confortável em trabalhar com instituições dos EUA, como a Iniciativa de Reforma das Instituições de Defesa (DIRI) ou a Organização Consultiva do Ministério da Defesa (MODA), os EUA também devem explorar a coordenação com os britânicos no apoio às iniciativas do Reino Unido alinhadas com a experiência guianense.

O governo guianense deve determinar racionalmente suas próprias necessidades de defesa, desde a identificação de desafios e a estratégia para enfrentá-los até uma análise de lacunas e alternativas. No entanto, há uma série de áreas nas quais é necessária ajuda em relação ao setor de segurança, e na qual os EUA devem estar preparados para oferecer seu apoio:

Educação Militar Profissional

Os Estados Unidos poderiam oferecer o apoio de Educação e Treinamento Militar Internacional (IMET) com acomodações para todos os níveis de oficiais da GDF. A parceira estadual dos EUA na Guiana, a Guarda Nacional da Flórida, provavelmente tem contribuições importantes a serem feitas nessa área.

Para os programas navais, a Guarda Costeira dos EUA provavelmente terá programas e interações relevantes para as necessidades da Guiana, tanto para melhorar o controle de sua ZEE, quanto para a costa e os rios interiores do país.

A capacidade dos EUA de fornecer certos tipos de assistência de segurança pode se tornar cada vez mais limitada à medida que a receita de petróleo da Guiana começa a crescer e sua renda per capita aumenta, colocando o país acima do limite para certos tipos de assistência sob a lei dos EUA. No entanto, os EUA devem estar preparados para solicitar exceções especiais a essas leis, reconhecendo que os competidores dos EUA, China e Rússia, provavelmente aumentarão sua oferta de programas de treinamento e intercâmbio para os guianenses para além do que já fornecem atualmente. Embora os EUA tenham um argumento válido em relação ao valor de seus programas, e embora o governo da Guiana deva naturalmente pagar uma parte justa de seu custo, os EUA devem oferecer esses programas a um custo e sob condições que os tornem atraentes para o governo da Guiana trabalhar com os EUA e não apenas com a China como parceira.

No que diz respeito às soluções materiais, o governo da Guiana deve tomar as decisões finais em relação às suas necessidades, seguindo uma análise objetiva, completa e transparente das alternativas. A análise neste trabalho sugere que os EUA devem estar preparados para oferecer pacotes abrangentes de material, peças de reposição, treinamento e suporte de manutenção focados na construção da capacidade da Guiana de patrulhar as águas offshore de sua ZEE, responder às invasões dessas águas pelas marinhas de nações estrangeiras, por embarcações de pesca não autorizadas, por narcotraficantes, por piratas e outros atores que possam ameaçar as plataformas de petróleo. Tal pacote incluiria logicamente a capacidade de responder a emergências, incluindo, mas não limitado, a derramamentos de óleo. Através do programa de Vendas Militares Estrangeiras (FMS), os EUA podem oferecer à GDF um número limitado de embarcações de patrulha offshore (OPVs) capazes de operar com helicópteros embarcados e plataformas de vigilância persistentes, possivelmente incluindo UAVs e aeronaves tripuladas equipadas com sensores apropriados tais como o Forward-Looking Infrared Radar (FLIR).

Para o controle do interior, tanto a GDF quanto a polícia e outras agências de apoio provavelmente precisarão de um número maior de embarcações de patrulha ribeirinhas. Os EUA, que já forneceram à Guarda Costeira sete barcos Metal Shark assim como suporte e treinamento associados, já têm um bom senso das necessidades da GDF e, portanto, estão bem posicionados para sugerir pacotes bem planejados e equilibrados de recursos complementares.

Para o controle aéreo, a GDF provavelmente necessitará de um maior número de aeronaves de transporte, leves, simples e robustas, apropriadas para as aproximadamente 120 pistas de pouso ainda sem melhorias do interior da Guiana (como os BN-2s previamente adquiridos), que também poderiam servir como patrulha marítima. Além disso a GDF e a polícia necessitam de um número maior de veículos.

Finalmente, a GDF e a GPF provavelmente precisarão expandir, ainda que de forma limitada, sua capacidade de operações especiais com helicópteros de base móvel para responder a alguns dos grupos criminosos maiores e mais fortemente armados operando no interior, incluindo os sindicatos e outros da Venezuela que ameaçam os mineiros e outras populações locais dentro da Guiana. Os EUA estão singularmente bem posicionados para sugerir uma solução apropriada para o treinamento e equipamento dessa operações especiais, compatível com a realidade guianense.

Será particularmente importante que os EUA trabalhem com o governo da Guiana para projetar e implementar a solução de maneira incremental e coordenada para que a aquisição de recursos materiais prossiga em conjunto com o treinamento de pessoal para operar e manter esses ativos de forma sustentável.

A Guiana deve trabalhar em conjunto com os EUA, o Reino Unido, a União Europeia e outros parceiros para reformar fundamentalmente suas instituições de segurança, a aplicação da lei e outras partes do governo. Parte dessa solução pode ser um aumento relevante dos salários da polícia. Essas organizações também precisarão de assistência na instituição de um sistema de promoção transparente, baseado no mérito, associado a requisitos claramente definidos para adquirir e demonstrar habilidades em cada nível, e oportunidades adequadas de treinamento e educação. Também serão necessárias reformas na gestão da polícia, entre outras, para garantir que as habilidades investidas sejam usadas, tanto pela retenção quanto pela designação inteligente de pessoal.

Com esses incentivos, também será importante que os EUA ajudem a GDF, a GPF e outras organizações relevantes a implementar mais testes de confiança, como polígrafos e entrevistas regulares (não apenas exames de nível de iniciante ou para unidades especializadas), bem como investigações periódicas, incluindo visitas domiciliares para proteger contra a corrupção de oficiais (incluindo líderes, que não devem ser isentados), assegurando que o estilo de vida do pessoal seja compatível com seus salários.

As organizações que estão passando por essa reforma também devem garantir que aqueles identificados como envolvidos em corrupção sejam removidos e observados após sua remoção, e não simplesmente transferidos para outra parte da organização.

Há uma série de análises que já foram feitas e aceitas pelo governo da Guiana para melhorar as capacidades institucionais da GDF e da GPF, embora não tenham sido tratadas de forma relevante, incluindo o relatório de 2016 sobre a reforma do setor de segurança e o relatório de acompanhamento de 2018 do consultor do Reino Unido.⁹⁴ Esses relatórios detalhados devem ser o ponto de partida para levar adiante a reforma institucional. O papel construtivo desempenhado pelo Reino Unido e pela União Europeia na reforma do setor de segurança da Guiana até o momento também destaca a importância de os Estados Unidos coordenarem-se com esses parceiros tanto quanto possível para evitar a duplicação de trabalho e para obter sinergias máximas de seus esforços coletivos bem como aprender com os sucessos e erros do outro.

No geral, as reformas institucionais e a aquisição de capacidades descritas neste trabalho representam um avanço significativo de onde as instituições de segurança da Guiana estão hoje. Embora a aquisição de equipamento de forma incremental alivie a sobrecarga, ainda assim ela será dispendiosa. A expansão da riqueza petrolífera da Guiana não apenas fornecerá uma maneira de financiar tais investimentos, mas será um imperativo para fazê-lo. Como observado anteriormente, o crescimento econômico que acompanha essas operações de petróleo atrairá pessoas de todo o mundo e criará novas oportunidades para atividades criminosas. A Guiana

já foi prejudicada em algum grau pela falta de capacidade de responder aos seus desafios de segurança internos e externos. Sem a capacidade de proteger seu petróleo e sem serviços de segurança profissionais capazes de manter o controle com o crescimento da riqueza, a expansão do petróleo e o conseqüente desenvolvimento, a estabilidade do país ficará insustentável.

Depois de uma longa história de receber pouca atenção do mundo desenvolvido, a Guiana está à beira de uma profunda transformação, impulsionada em breve pela sua riqueza petrolífera. O risco da Guiana se tornar “rica” sem fortalecer adequadamente suas instituições traz o risco de que as próprias receitas petrolíferas que prometem ser a salvação da Guiana possam ser sua ruína. Para a Guiana e seus vizinhos sul-americanos e caribenhos e para os EUA, é imperativo acertar. □

Notes

1. R. Evan Ellis, “Navigating Guyana’s Muddy Waters,” *Global Americans*, March 4, 2019, <https://theglobalamericans.org/2019/03/navigating-guyanas-muddy-waters/>.

2. “Charrandas Persaud vows to ensure AFC never regains House seats,” *Stabroek News*, December 31, 2018, <https://www.stabroeknews.com/2018/news/guyana/12/31/charrandas-persaud-vows-to-ensure-afc-never-regains-house-seats/>.

3. “The \$20 billion question for Guyana,” *The New York Times*, 20 de julho de 2018, <https://www.nytimes.com/2018/07/20/business/energy-environment/the-20-billion-question-for-guyana.html>.

4. “Hardships after closure of sugar estates,” *Kaieteur News*, 23 de abril de 2018, <https://www.kaieteurnews.com/2018/04/23/hardships-after-closure-of-sugar-estates/>.

5. Entrevistas, 2019.

6. Entrevistas, 2019.

7. “Ankoko Island,” *Kaieteur News*, 25 de outubro de 2015, <https://www.kaieteurnews.com/2015/10/25/ankoko-island/>.

8. “Venezuela disputes territory Guyana proposes for Beal spaceport,” *Aviation Week & Space Technology*, 22 de março de 2000, <https://aviationweek.com/awin/venezuela-disputes-territory-guyana-proposes-beal-spaceport>.

9. William Neuman, “Venezuela intercepts ship with 5 Americans aboard,” *New York Times*, 12 de outubro de 2013, <https://www.nytimes.com/2013/10/12/world/americas/venezuela-intercepts-ship-with-5-americans-aboard.html>.

10. “Guyana says Venezuela threatens ‘peace and security’ over oil and border row,” *The Guardian*, 9 de junho de 2015, <https://www.theguardian.com/world/2015/jun/09/guyana-says-venezuela-threatens-peace-and-security-over-oil-and-border-row>.

11. David Granger, “The defence of the New River, 1967-1969,” *Stabroek News*, 15 de fevereiro de 2009, <https://www.stabroeknews.com/2009/features/02/15/the-defence-of-the-new-river-1967-1969/>.

12. “New River Triangle,” *Global Security*, acessado em 9 de março de 2018, <https://www.globalsecurity.org/military/world/war/new-river.htm>.

13. “Bouterse says New River ‘back on agenda’ – de Ware Tijd,” *Stabroek News*, 2 de outubro de 2015, <https://www.stabroeknews.com/2015/news/guyana/10/02/bouterse-says-new-river-back-on-agenda-de-ware-tijd/>.

14. Dennis Chabrol, “Greenidge defends spending big on settling Guyana’s border rows; says US\$10 million on boundary dispute gave Guyana lucrative Liza 1 well,” *Demerara Waves*, 20 de dezembro de 2018, <http://demerarawaves.com/2018/12/20/greenidge-defends-spending-big-on-settling-guyanas-border-rows-says-us10-million-on-boundary-dispute-gave-guyana-lucrative-liza-1-well/>.

15. Vide, “Corentyne boat captain found dead after pirate attack,” *Stabroek News*, 18 de maio de 2017, <https://www.stabroeknews.com/2017/news/guyana/05/18/corentyne-boat-captain-found-dead-pirate-attack/>.

16. Bebi Oosman, “Search continues for 16 Guyanese missing after pirate attack,” *Stabroek News*, 2 de maio de 2018, <https://www.stabroeknews.com/2018/news/guyana/05/02/search-continues-for-16-guyanese-missing-after-pirate-attack/>.

17. “Guyana’s border towns threatened by violent gangs as Venezuela crisis deepens,” *The Guardian*, 2 de Agosto de 2018, <https://www.theguardian.com/world/2018/aug/02/venezuela-crisis-violence-guyana-border>.

18. Denis Chabrol, “BREAKING: Sindicato shoots Guyanese policeman on Guyana-Venezuela border,” *Demerara Waves*, 13 de novembro de 2018, <http://demerarawaves.com/2018/11/13/sindicato-shoots-guyanese-policeman-on-guyana-venezuela-border/>.

19. Enquanto alguns afiliados ao governo, consultados para este trabalho, disseram que o ELN havia realmente sido visto na Guiana, outros especialistas em segurança da Guiana questionaram se o ELN teria cruzado a Venezuela a partir de sua área de operação tradicional na fronteira noroeste com a Colômbia e se o pessoal do governo da Guiana conseguiu distinguir, com precisão, a afiliação do grupo de pessoas de interesse armadas e de língua espanhola vistas na região de fronteira. Entrevistas, 2019.

20. “Mohamed’s Trading is top gold exporter for 2018,” *Kaieteur News*, 5 de janeiro de 2019, <https://www.kaieteurnews.com/2019/01/05/mohameds-trading-is-top-gold-exporter-for-2018/>.

21. Entrevistas, 2019.

22. Entrevistas, 2019.

23. Latoya Giles, “Bai Shan Lin circumvents Guyana’s logging laws...Ships Billions \$\$\$\$ of high priced logs monthly,” *Kaieteur News*, 7 de Agosto de 2014, <https://www.kaieteurnews.com/2014/08/07/bai-shan-lin-circumvents-guyanas-logging-laws-ships-billions-of-high-priced-logs-monthly/>.

24. “Exploration or exploitation?” *Kaieteur News*, 13 de Agosto de 2014, <https://www.kaieteurnews.com/2014/08/13/exploration-or-exploitation/>.

25. “Jagdeo blasts Minister Jordan for “drug economy” statement,” *Guyana Times*, 18 de outubro de 2018, <https://guyanatimesgy.com/jagdeo-blasts-finance-minister-for-drug-economy-statement/>.

26. Entrevistas, 2019.

27. “Rice shipment from Guyana busted with cocaine in Jamaica,” *Guyana Chronicle*, August 30, 2017, <http://guyanachronicle.com/2017/08/30/rice-shipment-guyana-busted-cocaine-jamaica>.

28. Entrevistas, 2019.

29. Kyra Gurney, "In First, Guyana Finds 'Narco' Submarine," *Insight Crime*, 18 de Agosto de 2014, <https://www.insightcrime.org/news/brief/guyana-discovers-narco-submarine-highlighting-growing-drug-trafficking-problem/>.
30. "The influx of Venezuelans in Guyana: Refugees to some, 'silent invaders' to others," *Kaieteur News*, 5 de novembro de 2018, <https://www.kaieteurnews.com/2018/11/05/the-influx-of-venezuelans-in-guyana-refugees-to-some-silent-invaders-to-others/>.
31. Entrevistas, 2019.
32. "Colombia to allow Venezuelans to enter on expired passports," *Reuters*, 8 de março de 2019, <https://news.yahoo.com/colombia-allow-venezuelans-enter-expired-passports-013716023.html>.
33. Entrevistas, 2019.
34. Entrevistas, 2019.
35. Entrevistas, 2019.
36. Entrevistas, 2019.
37. "Guyana's homicide, robbery and burglary rates significantly exceed global average – IDB finds," *Kaieteur News*, 13 de dezembro de 2018, <https://www.kaieteurnews.com/2018/12/13/guyanas-homicide-robbery-and-burglary-rates-significantly-exceed-global-average-idb-finds/>.
38. Entrevistas, 2019.
39. "AT LAST!!! Guyana's most wanted 'Fine Man', 'Skinny' killed," *Kaieteur News*, 29 de Agosto de 2008, <https://www.kaieteurnews.com/2008/08/29/at-last-guyana-s-most-wanted-fine-man-skinny-killed/>.
40. "Roger Khan gets 40 years," *Kaieteur News*, 17 de novembro de 2009, <https://www.kaieteurnews.com/2009/10/17/roger-khan-gets-40-years/>.
41. Como exemplo da relativa ausência do extremismo islâmico como uma questão politicamente relevante, o candidato do PPP à presidência nas eleições deste ano, Irfaan Ali, é muçulmano praticante. No entanto, embora sua escolha tenha causado algum desconforto entre a maioria hindu do seu partido do leste do país, até agora na campanha a religião não foi apontada como uma questão significativa.
42. Entrevistas, 2019.
43. R. Evan Ellis, "Gangs, Guns, Drugs and Islamic Foreign Fighters: Security Challenges in Trinidad and Tobago," *Global Americans*, 8 de setembro de 2017, <http://theglobalamericans.org/2017/09/gangs-guns-drugs-islamic-foreign-fighters-security-challenges-trinidad-tobago/>.
44. Entrevistas, 2019.
45. R. Evan Ellis, "Chinese Commercial Engagement with Guyana: The Challenges of Physical Presence and Political Change" *China Brief*, Vol. 13, No. 19, 27 de setembro de 2013.
46. Ellis, 2013.
47. "Bai Shan Lin and the Great Guyana Giveaway," *Stabroek News*, 8 de agosto de 2014, <https://www.stabroeknews.com/2014/features/in-the-diaspora/08/18/bai-shan-lin-great-guyana-giveaway/>.
48. "Army appoints captains for Chinese Y-12 plane," *Stabroek News*, 29 de agosto de 2012, <https://www.stabroeknews.com/2012/news/guyana/08/29/army-appoints-captains-for-chinese-y-12-plane/>.
49. Ellis, 2019.
50. Denis Chabrol, "GFC scraps Baishan Lin's forest concessions; moves to recover debts," *Demerara Waves*, 7 de setembro de 2016, <http://demerarawaves.com/2016/09/07/gfc-scraps-baishan-lins-forest-concessions-moves-to-recover-debts/>.

51. "Government draws line under Lethem-Georgetown cable project," *TeleGeography*, 16 de maio de 2017, <https://www.telegeography.com/products/commsupdate/articles/2017/05/16/government-draws-line-under-lethem-georgetown-cable-project/>.

52. Ray Chickrie, "Commentary: Guyana's US\$150 million ugly airport blunder," *Caribbean News Now*, 4 de janeiro de 2019, <https://www.caribbeannewsnow.com/2019/01/04/commentary-guyanas-us150-million-ugly-airport-blunder/>.

53. "Pegasus unveils 15-storey tower in US\$100M expansion- Badal urges tax, fiscal incentive reforms," *Kaieteur News*, 9 de março de 2018, <https://www.kaieteurnews.com/2018/03/09/pegasus-unveils-15-storey-tower-in-us100m-expansion-badal-urges-tax-fiscal-incentive-reforms/>.

54. De acordo com guianenses entrevistados para este trabalho, no entanto, os Institutos Confúcio não estão envolvidos em assuntos políticos e comerciais no país como em outras partes do Caribe. Entrevistas *off-the-record* em Georgetown, Guiana, fevereiro de 2019.

55. "Chinese Donate Millions in Vehicles To Police Force," *YouTube*, 6 de novembro de 2017, <https://www.youtube.com/watch?v=umITcrNTVWg>.

56. "China's army donates \$1.2B in equipment to GDF," *Stabroek News*, 4 de abril de 2017, <https://www.stabroeknews.com/2017/news/guyana/04/04/chinas-army-donates-1-2b-equipment-gdf/>.

57. Ellis, 2019.

58. Com base em entrevistas com altos funcionários do PPP, Georgetown, Guyana, fevereiro de 2019.

59. "BOSAI turns to manganese ...acquires Reunion project for US\$10M," *Guyana Chronicle*, 12 de novembro de 2016, <https://guyanachronicle.com/2016/11/12/bosai-turns-to-manganese-acquires-reunion-project-for-us10m>.

60. Entrevistas, 2019.

61. "Guyana-Army," *IHS Jane's*, 27 de setembro de 2018.

62. "Diplomacy integral to safeguarding Guyana's sovereignty, economic development-President," *iNews Guyana*, 4 de abril de 2017, <https://www.inewsguyana.com/diplomacy-integral-to-safeguarding-guyanas-sovereignty-economic-development-president/>.

63. "China's army donates \$1.2B in equipment to GDF," *Stabroek News*, 4 de abril de 2017, <https://www.stabroeknews.com/2017/news/guyana/04/04/chinas-army-donates-1-2b-equipment-gdf/>.

64. Entrevistas, 2019.

65. Vide, "People's Militia, National Cadet Corps to be introduced in Region 2," *Kaieteur News*, 13 de fevereiro de 2019, <https://www.kaieteurnews.com/2019/02/13/peoples-militia-national-cadet-corps-to-be-introduced-in-region-2/>.

66. Entrevistas, 2019.

67. "Guyana-Air Force," *IHS Jane's*, September 27, 2018.

68. Entrevistas, 2019

69. "State Asset Recovery Act sets out guidelines for director's appointment," *DPI*, 20 de abril de 2017, <https://dpi.gov.gy/state-asset-recovery-act-sets-out-guidelines-for-directors-appointment/>.

70. Essa ausência provavelmente reflete o fato de que a Guiana não está situada em uma das principais rotas de transporte de drogas para a Europa ou Estados Unidos, e que os traficantes tradicionalmente usaram outros meios, como barcaças cheias de carga a granel, como areia ou arroz, para contrabandear drogas pelas águas do país. Também pode refletir a falta de equipamentos da Guiana para detectar embarcações de narcotráfico e outras deficiências na aplicação da lei.

71. "GDF officers complete fighter pilot training," *Guyana Chronicle*, 2 de Agosto de 2018, <http://guyanachronicle.com/2018/08/02/gdf-officers-complete-fighter-pilot-training>.
72. Entrevistas, 2019.
73. Entrevistas, 2019.
74. Denis Chabrol, "UPDATED: Jagdeo, Luncheon, Robert Persaud arrested, released; others still detained," *Demerara Waves*, 7 de março de 2017, <http://demerarawaves.com/2017/03/07/updated-jagdeo-luncheon-robert-persaud-arrested-released-others-still-detained/>.
75. Entrevistas, 2019.
76. "Chinese Donate Millions in Vehicles To Police Force," *YouTube*, 6 de novembro de 2017, <https://www.youtube.com/watch?v=umITcrNTVWg>.
77. Vide, "Cop battling for life after Herstelling crash," *Stabroek News*, 11 de dezembro de 2018, <https://www.stabroeknews.com/2018/news/guyana/12/11/cop-battling-for-life-after-herstelling-crash/>.
78. "Vehicles donated by the People's Republic of China get inspected," *Kaieteur News*, 8 de novembro de 2018, <https://www.kaieteurnews.com/2018/11/08/vehicles-donated-by-the-peoples-republic-of-china-get-inspected/>.
79. Svetlana Marshall, "Guyana off EU blacklist," *Guyana Chronicle*, 15 de fevereiro de 2019, <http://guyanachronicle.com/2019/02/15/guyana-off-eu-blacklist>.
80. Entrevistas, 2019.
81. "Cocaine worth \$550 million found in lumber," *Guyana Chronicle*, 15 de maio de 2017, <http://guyanachronicle.com/2017/05/15/cocaine-worth-550m-found-in-lumber>.
82. Fareeza Haniff, "DEA office officially opens in Guyana," *Guyana Chronicle*, 10 de fevereiro de 2016, <http://guyanachronicle.com/2016/02/10/dea-office-officially-opens-in-guyana>.
83. Entrevistas, 2019.
84. "CoI dismisses corruption claims levelled at CANU" *Guyana Times*, 22 de julho de 2016, <https://guyanatimesgy.com/coi-dismisses-corruption-claims-levelled-at-canu/>.
85. "Shake-up for CANU," *Guyana Chronicle*, 3 de junho de 2017, <http://guyanachronicle.com/2017/06/03/shake-up-for-canu>.
86. Entrevistas, 2019.
87. "CANU, police narcotics unit to be merged," *Guyana Chronicle*, 14 de setembro de 2015, <http://guyanachronicle.com/2015/09/14/canu-police-narcotics-unit-to-be-merged>.
88. "Guyana moves to stamp out identity theft, boost border intelligence, fight narcotics," *Demerara Waves*, 13 de outubro de 2016, <http://demerarawaves.com/2016/10/13/guyana-moves-to-stamp-out-identity-theft-boost-border-intelligence-fight-narcotics/>.
89. Entrevistas, 2019.
90. "Fire flattens entire Camp St prison," *Stabroek News*, 9 de julho de 2017, <https://www.stabroeknews.com/2017/news/guyana/07/09/major-disturbance-camp-st-prison-prison-officer-shot/>.
91. "Mazaruni Prison expansion on schedule – Prisons Director," *iNews Guyana*, 16 de setembro de 2018, <https://www.inewsguyana.com/mazaruni-prison-expansion-on-schedule-prisons-director/>.
92. Ellis, 2019.
93. Ellis, 2019.

94. “Accelerate implementation of security sector reforms – President to GPF,” *iNews Guyana*, 10 de janeiro de 2019, <https://www.inewsguyana.com/accelerate-implementation-of-security-sector-reforms-president-to-gpf/>.



Dr. Evan Ellis, PhD

Ele é professor pesquisador de estudos latino-americanos no Instituto de Estudos Estratégicos da US Army War College, com foco nas relações da região com a China e outros atores não-ocidentais do Hemisfério. Dr. Ellis publicou mais de 90 trabalhos, incluindo o livro de 2009 *China na América Latina: O que é e onde* (China na América Latina: por que e por que), o livro de 2013 *A dimensão estratégica do envolvimento chinês com a América Latina* (A dimensão estratégica das atividades chinesas na América Latina) e o livro de 2014, *China on the Ground na América Latina*. O Dr. Ellis apresentou seu trabalho em uma ampla variedade de fóruns comerciais e governamentais em 25 países. Ele testemunhou sobre as atividades chinesas na América Latina antes do Congresso dos EUA e falou sobre seu trabalho na China e outros atores externos na América Latina em uma ampla gama de programas de rádio e televisão, incluindo CNN International, CNN En Español, The John Bachelor Show, Voz da América e Rádio Martí. O Dr. Ellis é geralmente citado na mídia impressa nos EUA e na América Latina por seu trabalho nesta área, incluindo o Washington Times, Bloomberg, America Economy, DEF e InfoBAE. Dra. Ellis possui doutorado em ciência política com especialização em política comparada. As opiniões expressas neste artigo são estritamente suas.